

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



A cabotagem no Brasil e os impactos das recentes regulações

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 156 • 23 de fevereiro de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Cabotagem](#)
Por: Agência CNT
Fonte: Flickr

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/
RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Pedro Allemand Mancebo Silva (PUC-Rio)
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Thaïs Abygaëlle Dedeo (Université Paris 3)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Cláudia Menezes Leal Nunes (USP)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Adel Bakkour (UFRJ)
Amanda Neves Leal Marini (UFF)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Marina Soares Corrêa (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Alessandra Dantas Brito (EGN)
Bruno Gonçalves (UFRJ)
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



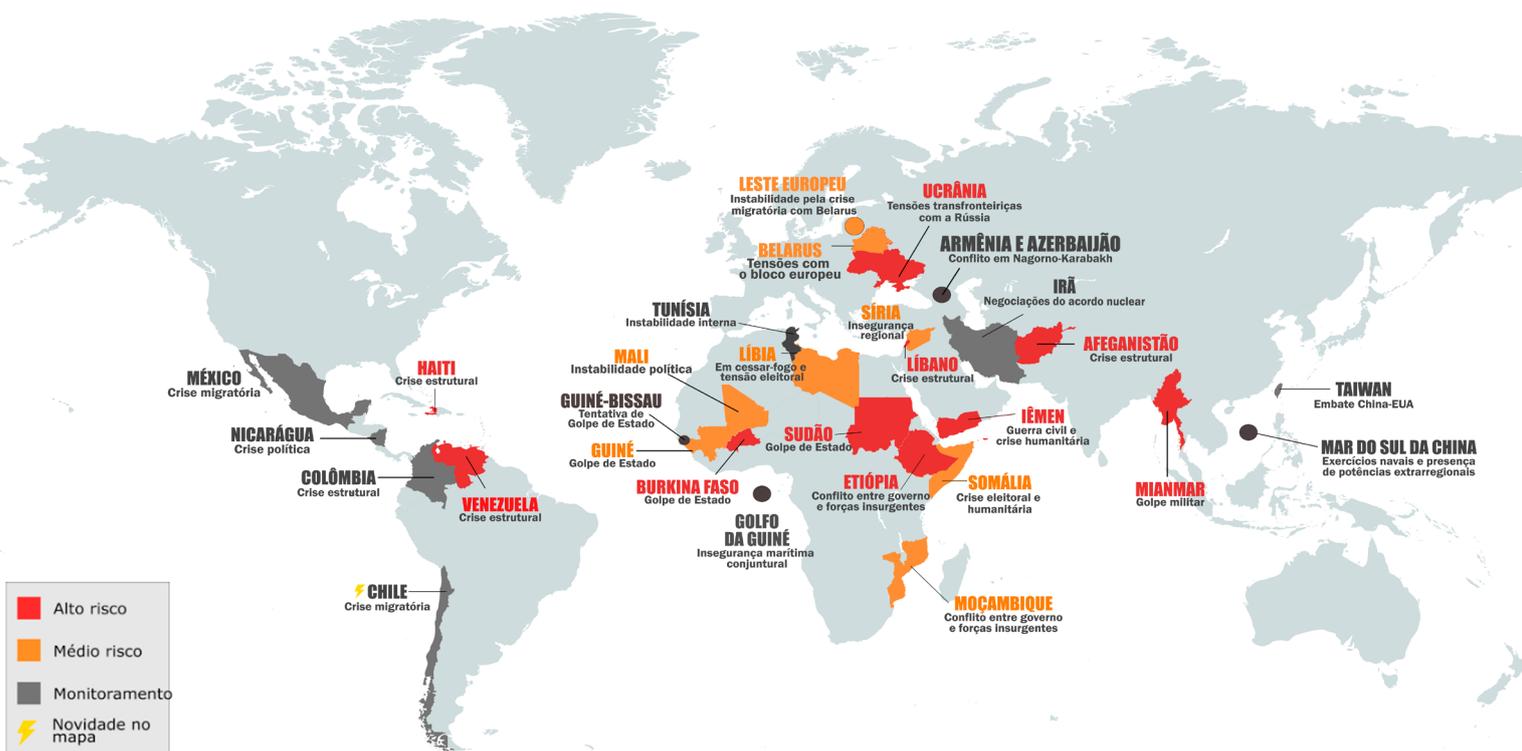
ÍNDICE

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO	
Porosidade das fronteiras ao norte do Atacama: desafios a uma estabilidade regional duradoura	6	Escalada das tensões na Península Coreana: perspectivas de Seul	13
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA	
A reação dos Estados Unidos à insegurança marítima no Caribe	7	Índia, Oceano Índico e seu investimento em Estados insulares	14
ÁFRICA SUBSAARIANA		ÁRTICO & ANTÁRTICA	
Costa africana: ameaças ambientais e expectativas para o século XXI	8	O posicionamento nipônico no Ártico: oportunidades científicas e cooperativas	15
O poder naval nigeriano e a pirataria no Golfo da Guiné	8	TEMAS ESPECIAIS	
EUROPA		A cabotagem no Brasil e os impactos das recentes regulações	16
Novo plano de modernização da Polônia e seus desafios	9	A ameaça dos ataques cibernéticos a infraestruturas críticas	17
A relevância geoestratégica do Mar Mediterrâneo e o jogo de interesses	10	Artigos Selecionados & Notícias de Defesa	
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		18	
A importância do Exercício Marítimo Internacional (IMX/CE 2022) para o Oriente Médio	11	Calendário Geocorrente	
RÚSSIA & Ex-URSS		18	
As tensões na Ucrânia e os exercícios navais russos no Mar Negro	12	Referências	
		19	
		Mapa de Riscos	
		20	

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Isadora Novaes e Vitória França



Created with mapchart.net

Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.

PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "Our World in Data", publicado no dia 22 de fevereiro de 2022.

Por: Iasmin Gabriele e Victor Cabral



ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

Países	Total de doses aplicadas		População imunizada (%)*	Vacinas
	milhões	por 100 pessoas		
China	3.084	221	88%	●●●●●●
Índia	1.753	128	57%	●●●●●
EUA	549	165	65%	●●●●●
Brasil	385	183	73%	●●●●●
Indonésia	338.6	125	52%	●●●●●
Japão	219.9	174	79%	●●●●●
Paquistão	205.5	95	44%	●●●●●
Vietnã	191.4	198	80%	●●●●●
Bangladesh	182.4	112	47%	●●●●●
México	177.9	139	62%	●●●●●

*Percentual da população totalmente imunizada

CanSino	●	Sinopharm/Beijing	●
Covaxin	●	Sinopharm/Wuhan	●
Johnson&Johnson	●	Sinovac	●
Moderna	●	Sputnik V	●
Oxford/Astrazeneca	●	ZF2001	●
Pfizer/BioNTech	●	EpiVacCorona	●

Fontes: Our world in data; The New York Times

Porosidade das fronteiras ao norte do Atacama: desafios a uma estabilidade regional duradoura

Pedro Kilson

Em 15 de fevereiro de 2022, o presidente do Chile, Sebastián Piñera, decretou Estado de Emergência na *Macrozona Norte* do país, abarcando regiões fronteiriças com Bolívia e Peru. Trata-se de uma ferramenta constitucional que permite incorporar o trabalho das Forças Armadas às polícias locais. Tal medida se encontra também vigente na chamada *Macrozona Sur*. Ambos os contextos são representativos de problemáticas históricas que atravessam a formação do Estado chileno, em torno de questões de segurança e porosidade das fronteiras. No caso do sul, destaca-se o conflito originado a partir de reivindicações pelo acesso à terra e autonomia dos povos originários Mapuche. Em relação ao norte, ganham centralidade os confrontos decorrentes da crise migratória, envolvendo grupos de imigrantes, organizações vinculadas ao narcotráfico, determinados grupos de trabalhadores – como caminhoneiros – bem como residentes insatisfeitos com os níveis de violência.

A implementação do Estado de Emergência se dá em meio à escalada de tensões na região: nos últimos meses de 2021, houve confronto direto entre manifestantes e grupos de imigrantes estabelecidos nos espaços públicos das cidades. Dessa forma, o mês de fevereiro tem sido marcado por greves de caminhoneiros, que interromperam as principais rodovias que cortam o norte

do Chile. Os protestos surgiram em razão do assassinato de um caminhoneiro, em meio a atritos com grupos de imigrantes, situação determinante para a implementação do Estado de exceção. Durante esse período, a polícia e as Forças Armadas poderão realizar patrulhas e operações conjuntas, bem como implementar novos postos de observação, com a possibilidade de aplicação de um toque de recolher, decretado pelo Executivo. Assim, a medida está fundamentada na necessidade de fortalecer a presença do Estado na fronteira, com o objetivo de conter atividades ilícitas de organizações criminosas.

Dentre os crimes transnacionais observados, menciona-se o tráfico de cocaína e pasta base, por meio de uma rota que conecta Peru, Bolívia e Chile, sendo o último tanto um país de trânsito como de destino e produção. Ademais, o tráfico de pessoas, especialmente de cidadãos haitianos e venezuelanos, é crescente nesse cenário. Nessa lógica, entende-se que a região ao norte do Atacama é representativa de uma crise de características regionais e que, portanto, exige uma abordagem conjunta entre os países da América do Sul e Central, principalmente o fortalecimento institucional em torno da comunicação, investigação, inteligência e operações interagências.



A reação dos Estados Unidos à insegurança marítima no Caribe

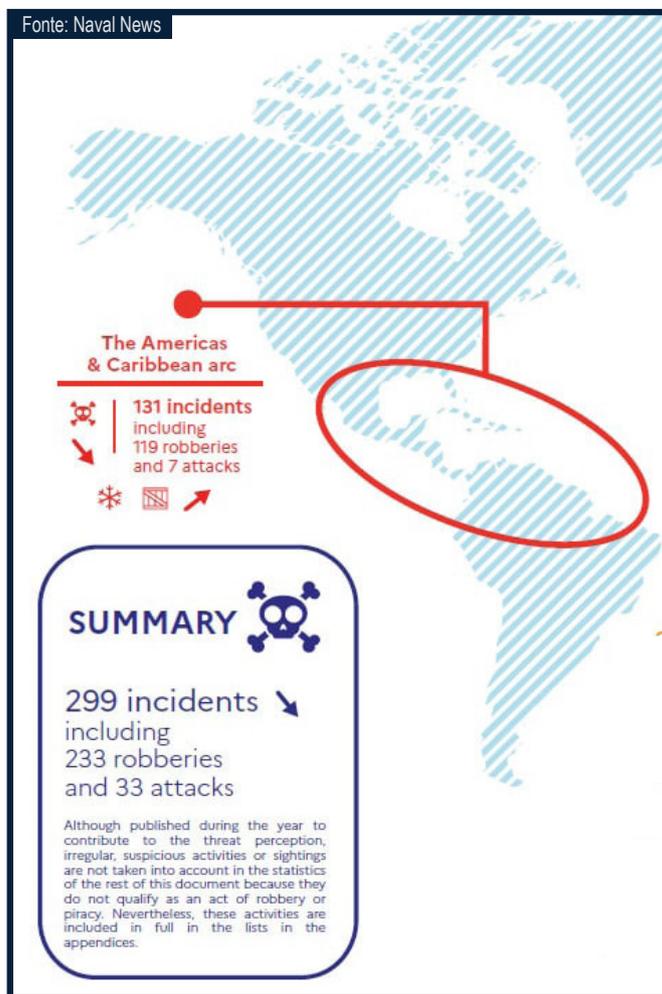
Rafael Esteves

Em 2022, um relatório francês do *Maritime Information Cooperation and Awareness Center* apontou que no ano anterior, dos 131 casos de pirataria e roubo armado identificados na América, 51 se concentraram no Mar do Caribe, que se tornou um dos principais focos de incidentes em 2021. Isso demonstra uma degradação da segurança marítima caribenha, sendo um reflexo da situação política, econômica e social de diversos países da região. Ademais, o Caribe é uma tradicional rota do tráfico internacional de drogas, destacando a cocaína, cujo volume de 24% passa pela região para chegar aos Estados Unidos (EUA), líder no consumo mundial do entorpecente. Sendo assim, a insegurança marítima do Mar do Caribe vem afetando cada vez mais os EUA. Nesse contexto, buscando aumentar sua presença no Caribe, em fevereiro de 2022, os EUA conduziram junto à Jamaica um exercício naval de caráter bilateral.

O exercício demonstra um esforço para combater as atividades ilícitas. Além disso, do ponto de vista estadunidense, há uma tentativa de combater os problemas securitários, sem investir demasiados recursos na região que, apesar de estar em seu entorno geográfico

imediate, não vem sendo considerada prioridade na política externa dos EUA. Já na perspectiva jamaicana, o país tem muito a ganhar, em termos de adestramento de pessoal e interoperabilidade com outras Marinhas, fatores cruciais para a manutenção de sua segurança nacional, em especial devido à sua característica insular. Do ponto de vista geopolítico, o aumento de incidentes marítimos próximos ao Canal do Panamá - importante rota para os países da América, Europa e Ásia - pode atrair atenção extrarregional indesejada. Nesse sentido, destacam-se os investimentos chineses na América Central e Caribe, que desafiam a influência dos EUA no continente.

O desenvolvimento da insegurança marítima no Mar do Caribe demandou uma ação dos EUA, que, por ora, uniram esforços à Jamaica para mitigar a situação. Isso pode indicar uma tendência da política estadunidense para as Américas, de buscar apoio em atores regionais, tendo em vista a prioridade do país com o Indo-Pacífico. Mesmo nessa abordagem, Washington não deve abster do envolvimento na região, considerando a importância desta para os seus assuntos domésticos e geopolíticos.



Costa africana: ameaças ambientais e expectativas para o século XXI

Carolina Vasconcelos

A costa africana estende-se por aproximadamente 300 mil km, abrangendo 38 países, sendo 31 da África Subsaariana. A região possui riquezas naturais, visadas tanto no âmbito local quanto internacional, que podem eventualmente causar disputas que interferem diretamente na geopolítica da região. Nesse sentido, de que maneira agendas voltadas para o desenvolvimento sustentável vêm estruturando a política regional?

Primeiramente, nos últimos anos, com a crescente valorização e conservação de áreas naturais, determinadas atividades econômicas vão ao encontro da preservação e desenvolvimento ambiental de forma sustentável, mesmo que ainda não predominante. Por exemplo, destaca-se o Programa de Gestão de Áreas Costeiras da África Ocidental que atua na região com a finalidade de conservação ambiental e preservação do ecossistema local, diante da erosão costeira e maior risco de alagamento. Além disso, políticas ambientais também são voltadas a áreas turísticas como as “ilhas verdes do Equador” (São Tomé e Príncipe) a fim de atrair investimentos e capital estrangeiro.

Em segundo lugar, os efeitos do aquecimento global e da poluição acabam interferindo nos recursos naturais em países como Moçambique e Senegal. Estima-se que até o fim do século, os patrimônios mundiais da UNESCO destes países serão 100 vezes mais afetados por inundações costeiras e erosão. Além disso, o aumento da exploração de petróleo e gás nos últimos anos em países litorâneos como a Namíbia, prejudica regiões de reserva natural, mesmo com a existência de aparatos jurídicos que limitem a extensão e prolongamento da extração. Nesse sentido, mesmo os Estados que não possuem sua economia e política voltados para a industrialização são prejudicadas de forma direta e indireta.

Por fim, ainda que atividades direcionadas ao desenvolvimento da costa africana sejam orientadas majoritariamente à industrialização e exploração de recursos naturais, o aumento de medidas sustentáveis aplicadas mitiga os riscos, mas não os cessa. Com isso, diante da constituição do panorama atual, uma agenda de desenvolvimento sustentável pode ser crucial para o equilíbrio político e econômico da região.

DOI 10.21544/2446-7014.n156.p08.

O poder naval nigeriano e a pirataria no Golfo da Guiné

Luísa Barbosa Azevedo

O impacto da pirataria no Golfo da Guiné (GoG, em inglês) é particularmente marcante na Nigéria, país responsável por 75% do comércio marítimo africano, sendo, portanto, um *player* essencial na busca por segurança marítima da região. Segundo relatório sobre o ano de 2021 da *International Maritime Bureau*, divulgado em janeiro de 2022, a pirataria e roubo armado na região reduziram aproximadamente 58% em relação ao mesmo período do ano anterior. Qual o papel do poder naval da Nigéria nesse processo?

O exercício de liderança em iniciativas regionais e internacionais ([Boletim 146](#)) da Marinha da Nigéria vem da necessidade de garantir a segurança de seu entorno estratégico. O país ampliou a aquisição de navios-patrolha conjuntamente a Angola e Senegal, via compra do estaleiro turco *Dearsan*. A iniciativa, segundo o Comandante da Marinha nigeriana, Almirante Awwal Gambo, enfatiza a necessidade por operações de segurança marítima, visando conter a pirataria na região. O Governo instaurou a Lei de Supressão da

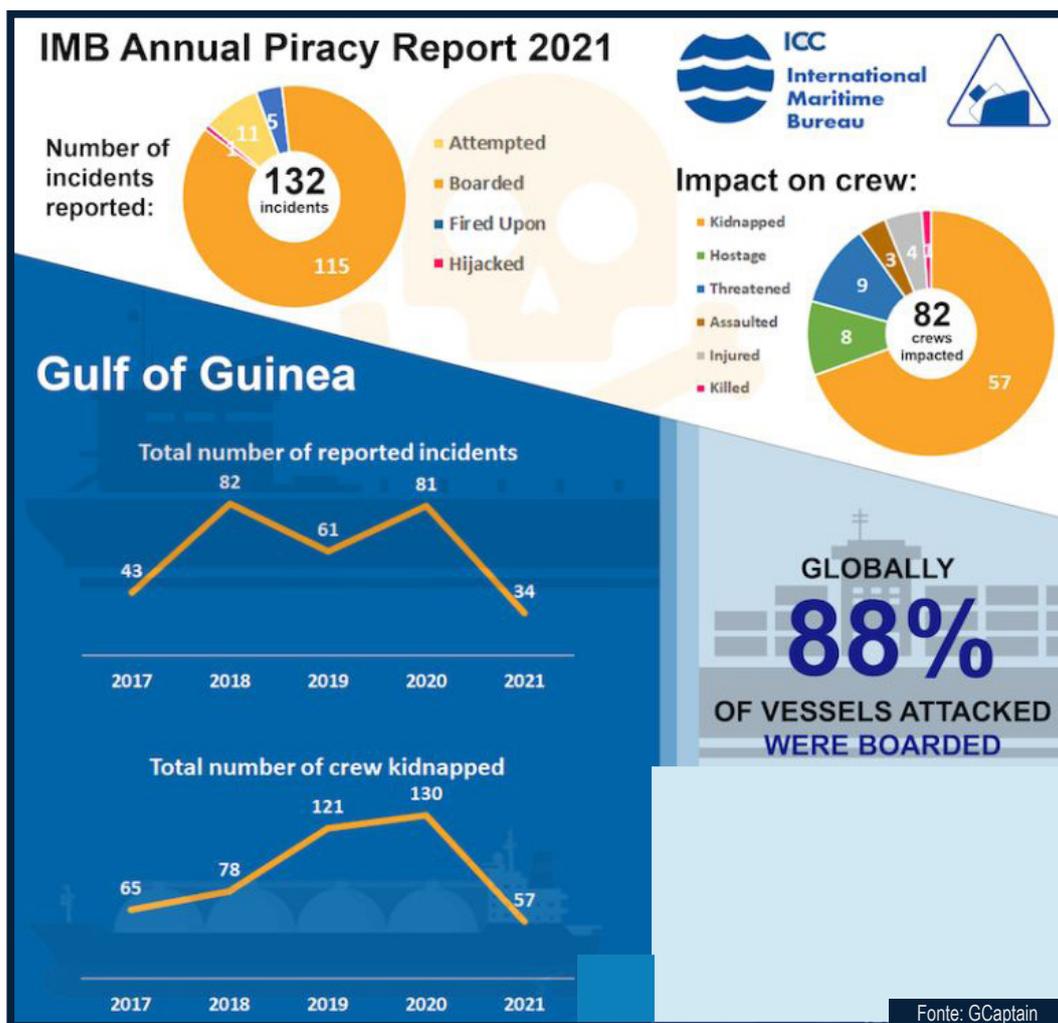
Pirataria e outras Ofensas Marítimas ([Boletim 124](#)) em 2019, que reduziu em 77% os crimes marítimos nas águas territoriais da Nigéria, e, por extensão do GoG. O aumento das capacidades navais inclui projetos que ampliam a vigilância marítima na Zona Econômica Exclusiva nigeriana como o *Deep Blue Project* ([Boletim 144](#)), a cooperação com a Guarda Costeira da Coreia do Sul, e o sistema de vigilância israelense *Falcon Eye*.

A liderança na cooperação em segurança marítima na região faz-se possível pela nomeação do nigeriano, Dr. Paul Adalikwu, a Secretário-Geral da Organização Marítima da África Ocidental e Central. Os objetivos da organização possibilitam em seu primeiro ano de mandato cobrar maior colaboração aos Estados-membros na segurança marítima regional por meio do fortalecimento de conselhos na África Ocidental e Central. Essas iniciativas são vitais à resolução de questões administrativas e crimes marítimos.

Os resultados reconhecidos pela Organização Marítima Internacional são fruto do esforço de em

cooperação entre *stakeholders* do setor marítimo nos cenários regional e internacional, ao combate à pirataria no GoG. Dessa maneira, o poder naval nigeriano, em

posição de liderança na região da África Ocidental e Central, é essencial para ações coordenadas de combate à insegurança marítima no GoG.



DOI 10.21544/2446-7014.n156.p08-09.

EUROPA

Novo plano de modernização da Polônia e seus desafios

Marina Aufran

A Polônia acumulou alguns motivos nos últimos anos para focar na modernização de suas Forças Armadas. Dentre eles, os principais envolvem seu vizinho Belarus, que supostamente vem aumentando de forma deliberada o número de refugiados na sua fronteira com a Polônia e as tensões entre Ucrânia e Rússia ([Boletim 148](#)). Com o país sendo uma das linhas de frente da OTAN, é importante analisar as principais dificuldades para modernização das Forças Armadas, em especial o Exército.

Atualmente, a Polônia tem um Exército com 113 mil pessoas ativas e 32 mil voluntários na Força de Defesa Territorial. Mesmo sendo um dos líderes em gastos militares da OTAN com 2,2% do PIB, os armamentos poloneses estão desatualizados e alguns equipamentos são originários da Guerra Fria. O ambicioso plano para

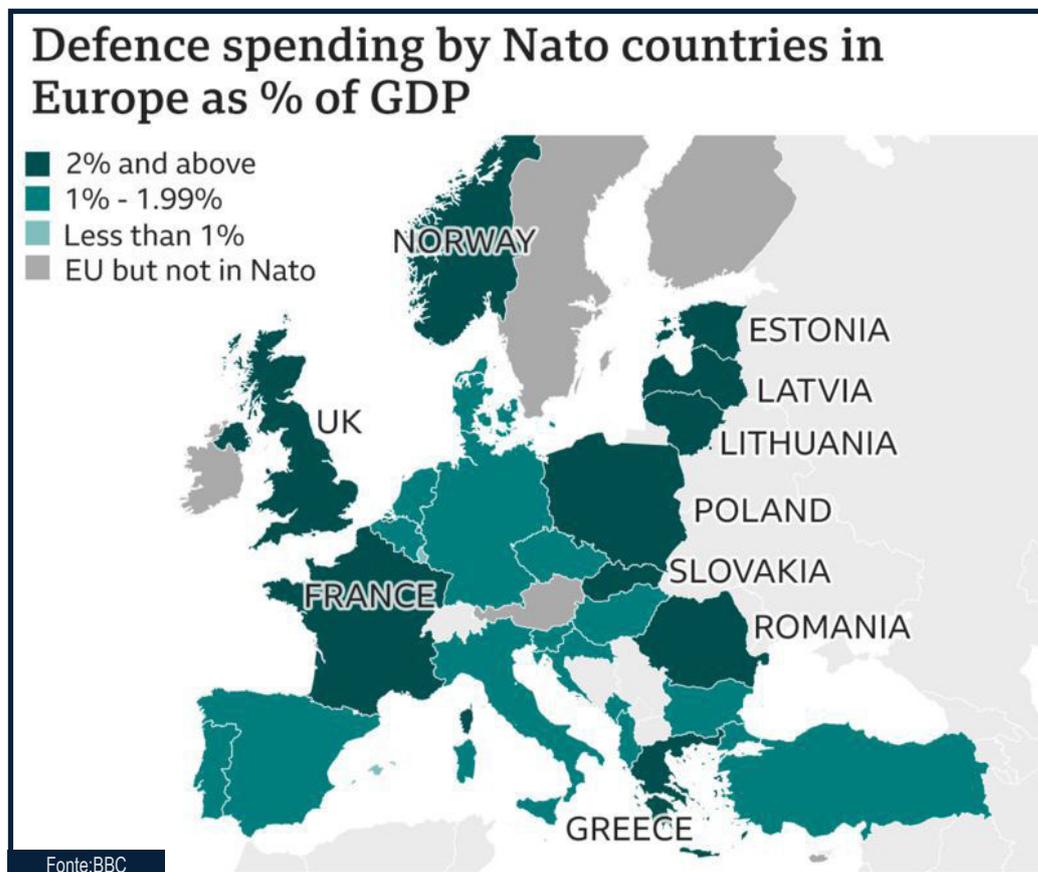
a modernização das tropas envolve mais que dobrar o tamanho do Exército, para chegar a 300 mil pessoas, e com orçamento de US\$ 130,2 bilhões até 2035. Entretanto, a maneira como o governo polonês busca alcançar esse objetivo ainda é incerta, já que o plano não foi divulgado. Vale lembrar que desde 2015 existe uma iniciativa por parte do governo de aumentar o número nas Forças Armadas, porém não foi bem-sucedida.

Mesmo com pouca informação, diversas críticas podem ser feitas aos principais objetivos do plano. Primeiro, a população polonesa está diminuindo, o que impacta o número de alistamentos. Em segundo lugar, o aumento em gastos em Defesa é uma preocupação, principalmente pelo crescente endividamento do governo polonês. Além disso, mesmo com o crescimento de gastos, ainda levará pelo menos uma década para

conseguir a completa modernização dos equipamentos. Por fim, é importante apontar a dependência na tecnologia dos Estados Unidos. A última compra de Varsóvia foi de 250 tanques *M1A2 Abrams* com objetivo de melhorar as capacidades de defesa contra a Rússia e a tendência é continuar comprando dos estadunidenses.

As novas tensões na fronteira ucraniana com a Rússia

apontam uma importância maior na linha de frente da OTAN. Entretanto, dificuldades envolvendo questões populacionais e orçamentais podem prejudicar o plano a médio prazo. Portanto, é essencial observar como o país irá se adaptar aos problemas apontados e como seus aliados poderão contribuir para esse plano futuramente.



DOI 10.21544/2446-7014.n156.p09-10.

A relevância geoestratégica do Mar Mediterrâneo e o jogo de interesses

Vitória França

Cenário de grandes exercícios navais, o Mar Mediterrâneo é um dos maiores espaços marítimos globais. Crises migratórias, conflitos e desigualdades socioeconômicas fazem da região uma das mais voláteis do mundo, cuja importância geoestratégica vai muito além de suas fronteiras geográficas. Nesse quadro, alguns países têm delineado suas estratégias para a região e usado o Mar Mediterrâneo para ações mais táticas de demonstração de poder, o que deixa claro o jogo de interesses.

Ao longo dos últimos anos, mudanças geopolíticas afetaram o Mediterrâneo, levantando novos desafios aos países que integram sua área, destacando-se mais recentemente, a reentrada russa na região e o colapso político de suas costas sul e leste - que somente no ano de 2021 geraram em média cinco mortes diárias de migrantes no Mediterrâneo rumo à Europa, segundo dados da *Euro-Mediterranean Human Rights Monitor*.

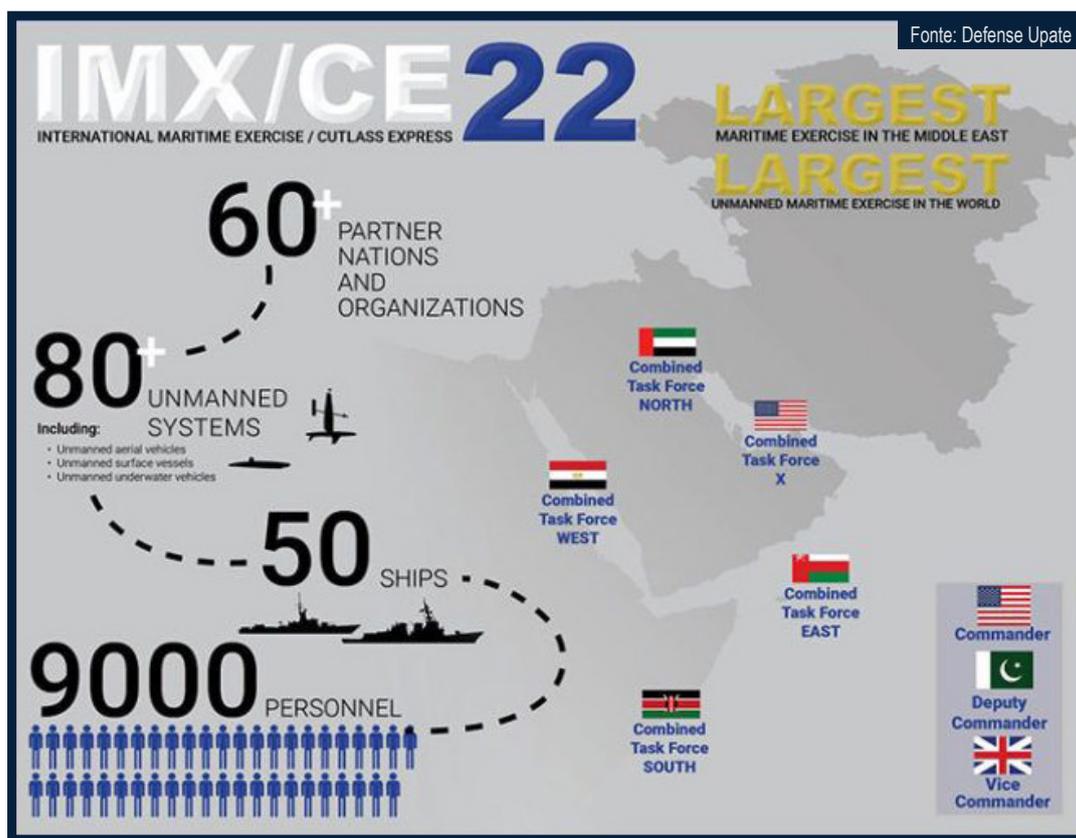
Nas últimas semanas, exercícios marítimos no

Mediterrâneo aconteceram com frequência. O Egito realizou missões de treinamento em seu mar limítrofe junto à França envolvendo duas fragatas; assim como, exercícios de defesa aérea e formações táticas de navegação. Em seguida, em cooperação com a Espanha, Cairo promoveu exercícios para enfrentar as ameaças ao fluxo do comércio global, migração e à liberdade de navegação internacional. Semelhantemente, entre os dias 06 e 07 de fevereiro, as forças marítimas aliadas à OTAN - francesas, italianas e estadunidenses - operaram rotineiramente de forma conjunta, fortalecendo a interoperabilidade. Já, em paralelo, a Marinha russa vem promovendo demonstrações de força, como o exercício antissubmarino no Mediterrâneo Oriental, que contou com aeronaves antissubmarino *Il-38* e fragatas *Almirante Kasatonov*, entre os dias 15 e 25 de fevereiro.

Nesse sentido, a presença russa, ainda que limitada, coloca Moscou em uma posição de grande influência sobre a política europeia, principalmente sendo capaz de »

Em conclusão, o IMX/CE 2022 reforça uma crescente cooperação marítima multinacional já presente na região e acrescenta instrumentos e práticas capazes de

proporcionar aos participantes ferramentas para o próprio desenvolvimento.



DOI 10.21544/2446-7014.n156.p11-12.

RÚSSIA & EX-URSS

As tensões na Ucrânia e os exercícios navais russos no Mar Negro

Pérsio Glória de Paula

As tensões na Ucrânia seguem sendo o foco das atenções mundiais, dadas as acusações ocidentais de uma preparação russa para invasão em grande escala. Apesar de uma incursão total ser improvável ([Boletim 154](#)), a Rússia utiliza suas capacidades bélicas para conotar assertividade e melhorar sua posição na mesa de negociação. Um exemplo são os exercícios navais realizados em fevereiro pela Rússia. Assim, qual o papel dessas movimentações no Mar Negro na atual crise?

Em janeiro de 2022, Moscou anunciou uma série de exercícios navais em todas as zonas marítimas russas, com a participação de mais de 140 embarcações, 60 aeronaves, 1.000 peças de equipamento e veículos e 10 mil militares. Apesar da escala global, uma vez que os exercícios se estendem do Pacífico ao Atlântico, o realizado no Mar Negro se destaca, dada a tensão na Ucrânia.

Os exercícios no Mar Negro, ocorridos entre 13 e 19 de fevereiro, contaram com mais de 30 navios, entre eles seis navios anfíbios e de desembarque, ocasionando

especulações no Ocidente sobre uma possível incursão anfíbia russa, em linha com a narrativa de invasão total iminente. Além disso, um ponto relevante do exercício foram as zonas marítimas designadas como perigosas para navegação pelos russos, que se estenderam por praticamente toda costa ucraniana, deixando pouco espaço para o trânsito marítimo do país. Inicialmente, Moscou designou quatro zonas, sendo três na adjacência oeste da Crimeia e uma no Mar de Azov. Esta última foi posteriormente removida, após protestos de Kiev de que ela impossibilitaria o trânsito marítimo na região e violaria as regras internacionais. Kiev também apontou que esses exercícios causaram prejuízos econômicos, já que algumas linhas marítimas tiveram atrasos por realizar desvios de rota, dada a enorme extensão das zonas dos exercícios.

Assim, entendendo que a saída diplomática ainda é preferencial para o Kremlin, os exercícios no Mar Negro servem para aumentar a pressão e melhorar a posição de barganha russa. Diante disso, evidencia-se a importância >>>

do poder naval e da política de defesa russa para a sustentação das diretrizes internacionais do país. Ainda que a utilização das capacidades bélicas como elemento

de pressão aumente as tensões, elas também acabam por melhorar a posição de barganha de Moscou.



DOI 10.21544/2446-7014.n156.p12-13.

LESTE ASIÁTICO

Escalada das tensões na Península Coreana: perspectivas de Seul

Maria Eduarda Parracho

A desmilitarização da Península Coreana é uma meta cada vez mais desafiadora para as lideranças regionais. O início de 2022 foi marcado pela volta dos testes de mísseis balísticos de alcance intermediário e pelas possíveis armas hipersônicas desenvolvidas pelo país ([Boletim 155](#)). Em meio à retomada da crise, os Ministros das Relações Exteriores do Japão e da Coreia do Sul, Yoshimasa Hayashi e Chung Eui-yong, se encontraram no Havaí com o Secretário de Estado estadunidense, Antony Blinken, no dia 12 de fevereiro, para debater e estabelecer medidas sobre a pertinência do desenvolvimento bélico norte-coreano. Nesse sentido, como essa reunião junto aos aliados influencia na postura sul-coreana diante do Norte?

Preocupado com a instabilidade regional, a postura do Ministro Chung é mais firme e cobra responsabilidade à Coreia do Norte pela recente crise dos mísseis. Entre as medidas reafirmadas na reunião estão as pressões para que a comunidade internacional implemente as sanções econômicas recomendadas pelo Conselho de Segurança da ONU e a colaboração dos aliados no âmbito da segurança, o que impulsionaria o aumento dos exercícios

militares na região. Entretanto, tais ações podem agravar a crise interna norte-coreana decorrente da pandemia de COVID-19, além de gerar um efeito contrário, no qual a Coreia do Norte, ao interpretar as ações como hostis, ampliaria o desenvolvimento e a testagem desses mísseis.

Além disso, o posicionamento de Seul às ameaças norte-coreanas pode ser emblemático para o resultado das eleições que estão previstas para ocorrer no dia 9 de março deste ano. Embora o então presidente Moon Jae-in não possa se reeleger, seu aliado do Partido Democrata Lee Jae-myung se encontra em uma disputa acirrada com o candidato conservador Yoon Suk-yeol. Devido à vontade sul-coreana por medidas mais efetivas, o opositor de Lee, que promete uma política externa mais linha-dura em relação aos norte-coreanos, cresceu nas pesquisas após os acontecimentos de janeiro. Em contrapartida, as medidas estabelecidas na reunião podem ser retratadas como um legado menos passivo dos democratas à crise, o que beneficiaria Lee.

Apesar da pertinência da postura liberal característica do mandato atual sul-coreano, o ministro do país e seus aliados demonstraram políticas mais firmes para lidar >>>

com a crise da Coreia do Norte. Este posicionamento comprova que se Pyongyang não estiver aberta a um novo processo diplomático como o de 2018, esses países

devem utilizar-se de diferentes meios para manter o equilíbrio de poder da região.



DOI 10.21544/2446-7014.n156.p13-14.

SUL DA ÁSIA

Índia, Oceano Índico e seu investimento em Estados insulares

Iasmin Gabriele Nascimento

A Índia vem fazendo grandes investimentos em seu setor de Defesa e, conseqüentemente, conquistando espaço no tabuleiro geopolítico internacional. Em 2021, ficou atrás apenas de Estados Unidos e China no que diz respeito aos gastos militares, ultrapassando, inclusive, a Rússia. Nova Déli tem buscado cada vez mais mostrar-se como potência em suas áreas de interesse, o que inclui a região do Indo-Pacífico, que também é disputada por outros Estados. Como parte de seus esforços de projeção de poder, recentemente, foi noticiado que o país sul asiático está investindo em ilhas no Oceano Índico. Cabe, então, refletir o papel estratégico dos Estados insulares na disputa por influência em uma das regiões mais dinâmicas do mundo.

A influência chinesa tem crescido no Oceano Índico, por conta, entre outros fatores, dos investimentos de Pequim em Estados insulares, o que preocupa a Índia. Comores, Madagascar, Maldivas, Maurício, Seychelles e Sri Lanka são ilhas independentes, localizadas ao longo do Índico, e que não possuem economias fortes, ficando, então, mais abertas a possíveis investimentos chineses, principalmente através da *Belt and Road Initiative*. Para

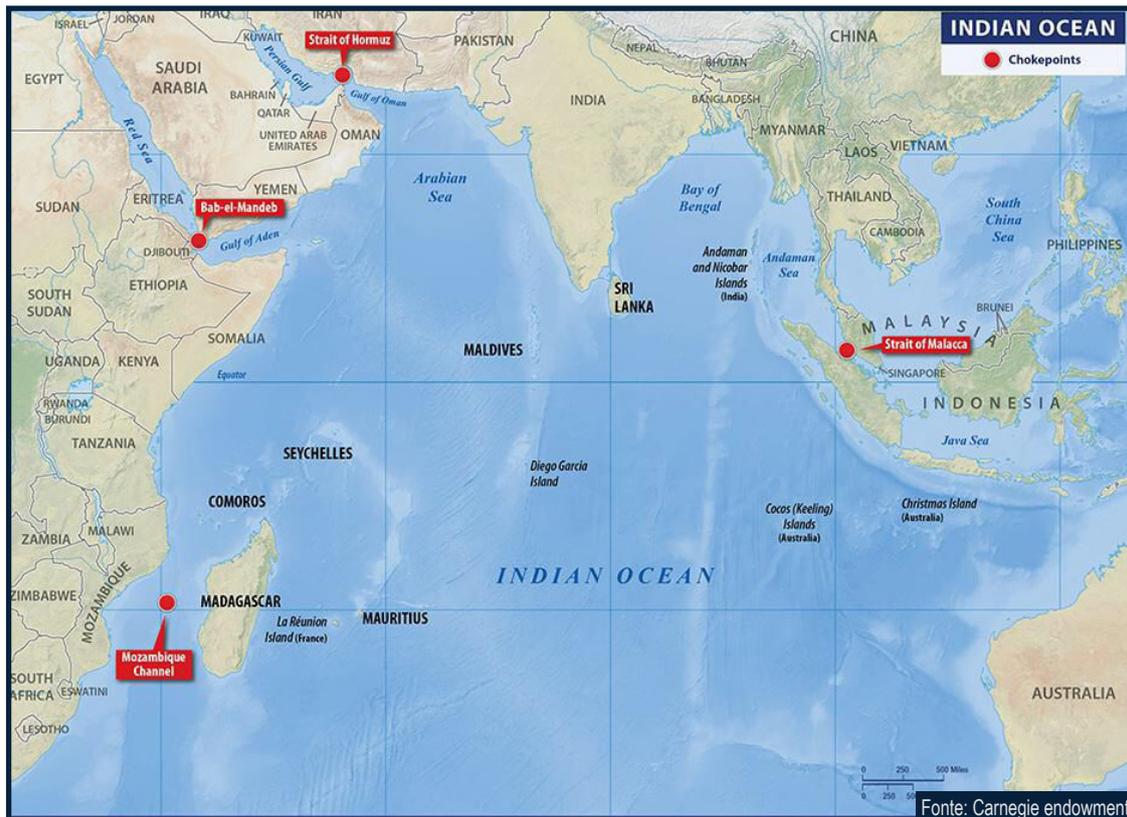
Nova Déli, ter tais países alinhados com seus interesses traria para si uma vantagem geopolítica importante, não só por conta de sua localização geográfica, mas pela chance de desempenhar liderança na região.

A partir dessa visão, no final de 2021 foi anunciado que o país tem investido bilhões de dólares nas Ilhas Andamão e Nicobar, a fim de transformá-las em um centro marítimo indiano. Fortalecer suas fronteiras marítimas é essencial para garantir sua posição nas águas que movimentam grande parte do comércio marítimo internacional. As Ilhas Andamão e Nicobar estão localizadas em um ponto do Índico que possui uma das rotas de comércio de maior movimento do mundo, além de conectar o Sul com o Sudeste Asiático. O investimento indiano nas Ilhas faz parte de seu plano de segurança marítima, que as inclui como posições regionais estratégicas. A marinha chinesa é consideravelmente maior que a indiana ([Boletim 106](#)) e para firmar-se como potência regional, depender de forças militares de países ocidentais não é uma boa opção; ter aliados regionais é bem mais interessante.

As disputas geopolíticas que ocorrem no Indo-Pacífico tornam a região mais dinâmica e eleva em

importância as ilhas ali presentes. Tê-las como aliadas representa vantagens estratégicas e comerciais. No que diz respeito aos planos de Nova Déli, cabe ao país sul

asiático reforçar laços e investimentos, a fim de manter suas posições no Oceano Índico.



DOI 10.21544/2446-7014.n156.p14-15.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

O posicionamento nipônico no Ártico: oportunidades científicas e cooperativas

Thomas Dias Placido

A cerca de suas capacidades marítimas, o Ártico é objeto de ambições internacionais há décadas. Na região, o comprometimento japonês foi claramente demonstrado em maio de 2013, quando aderiu ao Conselho do Ártico como Estado-observador. Em princípio, o seu ingresso no fórum destacou os interesses nipônicos na região, que envolvem novas oportunidades de navegação, segurança energética, extração de bens naturais, além do esforço em manter sua presença na ordem global contemporânea. Em meio aos debates emergentes acerca da região polar, envolvendo pesquisa e desenvolvimento (P&D), cooperação internacional e sustentabilidade, como o Japão está se preparando para uma projeção mais ativa e relevante no Ártico?

Atualmente, o posicionamento japonês para o oceano gelado se insere em duas instâncias: científica e geopolítica. Após aprovar o *Basic Plan on Ocean Policy*, em abril de 2013, o investimento em pesquisa prossegue como prioridade, com o Japão desenvolvendo domesticamente sua embarcação quebra-gelo em um valor aproximado de US\$310 milhões. Previsto para

operar em abril de 2026, o navio de 13 mil toneladas, com capacidade para acomodar uma equipe de 99 pessoas, atuará conjuntamente com a embarcação de pesquisa *Mirai*, auxiliando em questões meteorológicas e oceanográficas. Assim, sob o comando da Agência Japonesa para Ciência e Tecnologia Marinha da Terra, o Japão terá um avanço importante na disputa pelos recursos do Ártico, produzindo estudos com tecnologias de ponta por meio de drones e veículos subaquáticos.

Em segundo lugar, destaca-se a necessidade do estabelecimento de alianças em um ambiente volátil. Nesse sentido, o cultivo de uma boa relação com países árticos, dentre eles o Canadá, se configura como um ponto geopolítico perspicaz. Como nações alinhadas à OTAN, a união nipo-canadense, estabelecida pela assistência científica, compartilha prioridades similares no Ártico, que podem ser utilizadas para prevenir a militarização da área e atenuar as tensões diplomáticas. Dessa maneira, a manutenção de um sistema de cooperação vai ao encontro com os objetivos estratégicos das duas nações, baseados na exploração e utilização sustentável dos recursos »

marinhos.

Portanto, apesar de não ser um país Ártico, fica claro que o Japão vem aplicando técnicas necessárias para condicionar sua proeminência nesse território. Com o degelo na região, posicionar-se em questões econômicas,

sustentáveis e políticas faz parte do plano de interesses nacionais nipônicos. O crescente investimento japonês em P&D e cooperação age como uma manobra significativa no campo do sistema internacional, destacando a importância do espaço ártico.



DOI 10.21544/2446-7014.n156.p15-16.

TEMAS ESPECIAIS

A cabotagem no Brasil e os impactos das recentes regulações

Alessandra Brito

No dia 10 de janeiro, foi sancionado o projeto de lei que institui o Programa de Estímulo ao Transporte por Cabotagem, conhecido como BR do Mar - lei 14.301/2022, publicada em 07 de janeiro. Nesse sentido, este artigo pretende entender os impactos diretos dessas mudanças, tendo em vista que o Brasil é um país com uma extensão de faixa litorânea de aproximadamente 7.400 km e que a navegação de cabotagem representa apenas 11% na participação do transporte de mercadoria no país em comparação com o modal rodoviário, que representa 65% desse total.

Cabotagem é o nome dado para a navegação entre portos da mesma costa de um único país. Seus benefícios em relação ao modal rodoviário são: capacidade de transporte de grandes quantidades, eficiência energética por chegar a consumir oito vezes menos combustível para transportar a mesma quantidade de carga que outro modal, e menor índice de acidentes, avarias e roubos. Anteriormente, aproximadamente 40 empresas possuíam autorização da Antaq para operarem na navegação de cabotagem brasileira. A Petrobras/Transpetro é tida como principal armador na cabotagem, movimentando

mais de 50% da tonelage que circula pelo modal.

Para entendermos a dimensão do setor, logo depois da sanção do projeto, no dia 13, a gigante MSC (*Mediterranean Shipping Company*) anunciou a compra de 67% da *Log-In*, que até então era uma companhia independente atuante na costa brasileira. A venda do controle visa aumentar a demanda da companhia na cabotagem. A entrada do novo acionista que é um *player* global na navegação de longo curso traz diversas oportunidades para as operações em conjunto. Além da *Log-In*, outras empresas do setor, como a Aliança do grupo *Maersk* e a *Mercosul Line* da CMA CGM, esperam um aumento na demanda. Anteriormente, apenas empresas brasileiras de navegação (EBNs), podiam fazer essas operações, enquanto que com a nova regra, será permitido que as empresas possam atuar sem terem frota própria de embarcações mediante fretamento de navios das EBNs.

Além do que foi exposto acima, vale destacar um dos principais vetos que diz respeito à tripulação brasileira, foi o da obrigatoriedade de 2/3 de tripulação brasileira na cabotagem, sendo obrigatório apenas os postos de >>

comandante, mestre de cabotagem, chefe de máquinas e condutor de máquinas. Cabe destacar que isso não se aplica às embarcações de apoio/*offshore*. Deseja-se

que esse estímulo legislativo favoreça o transporte de cabotagem no Brasil.



DOI 10.21544/2446-7014.n156.p16-17.

A ameaça dos ataques cibernéticos a infraestruturas críticas

Raquel Spiri

Dentre as modernas formas de ataques a infraestruturas críticas, os ataques cibernéticos se destacam entre os usuários mal-intencionados, pela dificuldade de atribuição de responsabilidade. Uma das maiores operadoras de serviços marítimos do mundo, a *Swire Pacific Offshore* (SPO), reportou, em novembro de 2021, um incidente envolvendo um ataque cibernético aos seus sistemas. A invasão ocorreu através de um *ransomware* que atingiu diversas informações sensíveis da companhia e pode ter afetado suas operações em até 18 países. Pode-se dizer que houve um crescimento da digitalização de infraestruturas críticas nas últimas décadas.

De acordo com relatório divulgado pela *KnowBe4*, empresa de segurança digital da África do Sul, ataques envolvendo *ransomwares* a infraestruturas críticas se mantiveram altos nos últimos anos. A *KnowBe4* ainda apontou que este tipo de ataque deve ser recorrente enquanto não houver investimentos robustos em segurança digital. Os *ransomwares* são tipos mais elaborados de *malwares* que, ao contaminar uma máquina, criptografa todos seus registros e suas informações. Neste tipo de ataque, os usuários mal-intencionados mantêm esses dados como “reféns” até o pagamento de um resgate.

Além da SPO, a *Transnet* sofreu, em julho de 2021, com um ataque de *ransomware* nos seus terminais na África do Sul, atingindo os portos de Durban, Cidade do Cabo, Port Elizabeth e o Porto de Ngqura. O ataque às máquinas dificultou o carregamento e descarregamento de contêineres que, por força maior, tiveram de parar seu funcionamento até a normalização das estruturas. A parada das atividades acarretou prejuízos para os portos, seus funcionários e para os consumidores que aguardavam os descarregamentos. Infraestruturas marítimas e portuárias não são as únicas expostas aos *ransomwares*: em maio de 2021 um dos principais oleodutos dos Estados Unidos também sofreu esse tipo de ataque ([Boletim 139](#)).

Como se vê, os ataques a infraestruturas críticas são apenas umas das maneiras que a insegurança cibernética pode se manifestar. A vulnerabilidade destes sistemas, quando exploradas, podem acarretar na interrupção de serviços fundamentais. Portanto, percebe-se a necessidade cada vez maior de investimento em infraestruturas tecnológicas modernas, em segurança digital e no treinamento e preparo dos funcionários na medida em que a digitalização das infraestruturas críticas é crescente e inevitável.

DOI 10.21544/2446-7014.n156.p17.

- ▶ [A Rival of America's Making? The Debate Over Washington's China Strategy](#)
FOREIGN AFFAIRS, G. John Ikenberry; Andrew J. Nathan; Susan Thornton; Sun Zhe e John J. Mearsheimer
- ▶ [Beyond piracy: making waves in the Western Indian Ocean](#)
ISS, Christian Bueger e Timothy Walker
- ▶ [Facilitating progress towards SDG2: Zero Hunger Proposed reforms to leadership, governance and coordination in the UN Rome-based agencies](#)
RUSI, Sidharth Kaushal
- ▶ [The Beijing–Moscow Partnership: Natural or by Necessity?](#)
RUSI, Veerle Nouwens e Emily Ferris
- ▶ [The Black Sea region: Beyond NATO](#)
COUNCIL OF GEOSTRATEGY, Alexander Lanoszka; James Rogers e Mark Galeotti

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Raphaella Costa

FEVEREIRO

23-26	25	25	28
 BRASIL ONE OCEAN EXPEDITION NO RIO DE JANEIRO	 ÍNDIA INÍCIO DO MULTINATIONAL NAVAL EXERCISE MILAN 2022	 NORUEGA FIM DO EXERCÍCIO DYNAMIC GUARD 22 DA OTAN	 NORUEGA INÍCIO DO EXERCÍCIO BRILLIANT JUMP 22 DA OTAN

MARÇO

Principais eventos de 01 a 10 de março

01	03	03-04
 ESTADOS UNIDOS DISCURSO SOBRE O ESTADO DA UNIÃO	 MEDITERRÂNEO FIM DO EXERCÍCIO DYNAMIC MANTA 22 DA OTAN	 FRANÇA 9º CÚPULA EUROPEIA DE REGIÕES E CIDADES
04	07	09
 ÍNDIA FIM DO MULTINATIONAL NAVAL EXERCISE MILAN 2022	 FRANÇA INÍCIO DA SESSÃO PLENÁRIA DO PARLAMENTO EUROPEU	 COREIA DO SUL ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS

REFERÊNCIAS

- **Porosidade das fronteiras ao norte do Atacama: desafios a uma estabilidade regional duradoura**
ROJAS SASSE, E. [Chile: la crisis migratoria que desbordó al Gobierno](#). DW, Bonn, 14 fev. 2022. Acesso em: 16 fev. 2022.
CHILE. **Senado de Chile**. [Narcotráfico: instan a actualizar medidas y políticas para el combate](#), Santiago, 4 jan. 2022. Acesso em: 19 fev. 2022
- **A reação dos Estados Unidos à insegurança marítima no Caribe**
ESTADOS UNIDOS. **Marinha dos Estados Unidos**. [Milwaukee Conducts Bilateral Maritime Exercise with Jamaica Defence Force](#), Washington, 11 fev. 2022. Acesso em: 12 fev. 2022.
VAVASSEAU, X. [French Navy's 2021 Report On Global Maritime Security](#). **Naval News**, Paris, 07 jan. 2022. Acesso em: 10 fev. 2022.
- **O poder naval nigeriano e a pirataria no Golfo da Guiné**
[IMB: Global Piracy Reached a 28-Year Low in 2021](#). **The Maritime Executive**, Plantation, 13 jan. 2022. Acesso em: 16 jan. 2022.
IGBONWELUN, P. [Maritime security: How sustained naval operations reduce piracy others](#). **The Nation**, [s.l.], 14 fev. 2022. Acesso em: 14 fev. 2022.
- **Costa africana: ameaças ambientais e expectativas para o século XXI**
VOUDOUSKAS, M. et al. [African heritage sites threatened as sea-level rise accelerates](#). **Nature Climate Change**, [s.l.], 10 fev. 2022. Acesso em: 19 fev. 2022.
[MNE de São Tomé e Príncipe reitera importância da localização do país para captar investimentos](#). **Visão, Lusa**, 15 fev. 2022. Acesso em: 17 fev. 2022.
- **Novo plano de modernização da Polônia e seus desafios**
SWIERCZYNSKI, M. [Making Poland's Military Great Again](#). **Balkan Insight**, Warsaw, 8 fev. 2022. Acesso em: 19 fev. 2022
COPP, T. [Poland to Buy \\$6 Billion in US Tanks, Assault Bridges, Explosives: Russian Advancing Force Grows to 190,000](#). **Defense One**, Washington, 18 fev. 2022. Acesso em: 19 fev. 2022
- **As novas movimentações no Mar Mediterrâneo**
PASTORI, G. [Who Controls the Rimland: Competition and Rivalry in the Mediterranean](#). **Istituto Per Gli Studi Di Politica Internazionale**, Milão, 17 jul. 2020. Acesso em 19 fev. 2022.
[Egyptian, Spanish Naval Forces Conduct Joint Drill in Mediterranean](#). **Asharq Al-awsat**, Cairo, 18 fev. 2022. Acesso em: 19 fev. 2022.
- **A importância do Exercício Marítimo Internacional (IMX/CE 2022) para o Oriente Médio**
Eckstein, M. [US Navy kicks off 60-nation maritime exercise in the Middle East that includes unmanned, AI tech](#). **Defense News**, Washington, 02 fev. 2022. Acesso em: 12 fev. 2022.
[Israel Participates in Huge Mideast Naval Exercise](#). **Aljazeera**, Doha, 02 fev. 2022. Acesso em: 10 fev. 2022.
- **As tensões na Ucrânia e os exercícios navais russos no Mar Negro**
[Russia Readies for 'Naval Blockade' of Ukraine Ahead of Missile Drills](#). **The Moscow Times**, Moscou, 10 fev. 2022. Acesso em: 19 fev. 2022.
SUTTON, H. I. [6 Russian Warships And Submarine Now Entering Black Sea Towards Ukraine](#). **Naval News**, Paris, 08 fev. 2022. Acesso em: 19 fev. 2022.
- **A escala de tensões na Península Coreana: Perspectivas de Seul**
McAVOY, A. [US, Japan, South Korea meet in Hawaii to discuss North Korea](#). **Ap News**, Honolulu, 13 fev. 2022. Acesso em: 14 fev. 2022
LARISON, D. [After Elections, South Korea Could Become more hawkish, combative](#). **Responsible Statecraft**, [s.l.], 14 fev. 2022, Acesso em: 15 fev. 2022
- **Índia, Oceano Índico e seu investimento em Estados insulares**
BREWSTER, D. [Indian Ocean step-up](#). **The Interpreter**, Daca, 10 jan. 2022. Acesso em: 15 fev. 2022.
PATKI, A. [The Andaman and Nicobar Islands: New Delhi's Bulwark in the Indian Ocean](#). **The Diplomat**, Arlington, 17 dez. 2021. Acesso em: 15 fev. 2022.
- **O posicionamento nipônico no Ártico: oportunidades científicas e cooperativas**
[How Japan Is Promoting Ocean Sustainability Through Science And Startups](#). **Forbes**, Tóquio, 28 jan. 2022. Acesso em: 29 jan. 2022.
NAGATA, Y. [Japan joins Arctic race with 1st research icebreaker for region](#). **Nikkei Ásia**, Tóquio, 18 dez. 2021. Acesso em: 28 jan. 2022
- **A cabotagem no Brasil e os impactos das recentes regulações**
[Sancionada, com vetos, lei que estimula navegação entre portos nacionais](#). **Senado Notícias**, Brasília, 10 jan. 2022. Acesso em: 28 jan. 2022.
NEDER, V. [Normalização no transporte marítimo é incerta, diz executivo de gigante do setor](#). **CNN Brasil**, [s.l.], 17 fev. 2022. Acesso em: 20 fev. 2022.
- **A ameaça dos ataques cibernéticos a infraestruturas críticas**
[Whitepaper: KnowBe4 African Cybersecurity & Awareness report 2021](#). **KnowBe Inc**, Cidade do Cabo, jan/2022. Acesso em: 18 jan. 2022.
[Ransomware Attack on Swire Pacif Offshore Breaches Personnel Data](#). **The Maritime Executive**, Fort Lauderdale, 26 nov. 2021. Acesso em: 03 dez. 2021.

Os mapas iniciais (pág 04 e 05) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Isadora Novaes e Vitória França

► ALTO RISCO:

- AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [How Afghanistan’s humanitarian crisis could impact global security](#). **The Indian Express**, 20 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
- BURKINA FASO - Golpe de Estado: [US halts aid to Burkina Faso after coup](#). **Northern Beaches Review**, 19 fev. 2022. Acesso em 21 fev. 2022.
- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [Ethiopia conflict: thousands of Eritrean refugees flee new deadly attack on camp](#). **Nações Unidas**, 18 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
- HAITI - Crise estrutural: [Haiti remains in ‘acute political and institutional crisis’, Security Council hears](#). **UN News**, 18 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [Houthis fire 7 missiles at Yemen’s Marib amid surge in fighting](#). **Arab News**, 20 fev. 22. Acesso em: 21 fev. 2022.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Lebanon parliament extends lifting of bank secrecy to audit central bank](#). **Reuters**, 21 fev. 22. Acesso em: 21 fev. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar junta to take place of Suu Kyi at ICJ hearings into Rohingya genocide claims | Myanmar | The Guardian](#). **The Guardian**, 21 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [Darfur violence lays bare deepening crisis](#). **Bangkok Post**, 16 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
- UCRÂNIA - Tensões transfronteiriças com Rússia: [Vladimir Putin: Diplomacy over Ukraine crisis must ‘intensify’](#). **Al Jazeera**, 20 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Torino prevé crecimiento en Venezuela de 3,49 % en 2022](#). **Bloomberg Linea**, 20 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2021.

► MÉDIO RISCO:

- BELARUS - Tensões com o bloco europeu: [Ukraine crisis: belarus says joint drills with russia to continue due to border tensions](#). **Al Jazeera**, 20 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022

- GUINÉ - Golpe de Estado: [Military coups and the backsliding of Africa's economy](#). **The Cable**, 21 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - LESTE EUROPEU - Instabilidade pela crise migratória com Belarus: [ONGs pedem à UE que impeça Polônia de construir muro na fronteira com Belarus](#). **CNN Brasil**, 08 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - LÍBIA - Em cessar-fogo e tensão eleitoral: [Five things to know about Libya's political crisis](#). **Al Jazeera**, 11 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - MALI - Instabilidade política: [Embaixador francês expulso do Mali](#). **RFI**, 31 jan. 2022. Acesso em: 07 fev. 2022.
 - MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [SANDF deploys Combat Team Alpha to fight Mozambique insurgents](#). **News 24**, 21 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - SÍRIA - Insegurança regional: [Russia's defence minister meets Syria's Assad for talks](#). **Al Jazeera**, 15 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2021.
 - SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Somalia says Al Shabab attack kills 6 outside capital](#). **Gulf Today**, 16 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
- EM MONITORAMENTO:
- ARMÊNIA E AZERBAIÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Russian FM, OSCE Chairman-in-Office will address the Nagorno-Karabakh conflict](#). **Armen Press**, 14 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - CHILE - Crise migratória (NOVO NO MAPA): [State of Emergency decreed in northern Chile to deal with irregular migration](#). **MercoPress**, 17 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - COLÔMBIA - Crise estrutural: [Organizaciones criminales gobiernan secciones de la frontera Colombia-Venezuela](#). **Latinoamérica21**, 15 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Insecurity: Foreign Forces' Dominance Imminent On Nigerian Waters](#). **New Telegraph**, 18 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - GUINÉ BISSAU - Tentativa de Golpe de Estado: [Guinea-Bissau: Government critics under increasing pressure](#). **DW**, 19 fev. 2022. Acesso em 21 fev. 2022.
 - IRÃ - Negociações do acordo Nuclear: [Deputados do Irã apresentam condições para reativar acordo nuclear](#). **CNN Brasil**, 20 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - MAR DO SUL DA CHINA - Exercícios navais e presença de potências extrarregionais: [Australia and UK deepen security ties amid China worries | Politics News | Al Jazeera](#). **Al Jazeera**, 17 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - MÉXICO - Crise migratória: [Supreme Court agrees to weigh in on legal fight over the "Remain in Mexico" border policy/](#). **CBS News**, 19 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - NICARÁGUA - Crise política: [Vinte e sete países da OEA pedem libertação de presos na Nicarágua após morte de Hugo Torres](#). **Estado de Minas**, 18 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - TAIWAN - Embate China-EUA: [Beijing Could Run Russia's Playbook on Taiwan](#). **Foreign Policy**, 18 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.
 - TUNÍSIA - Instabilidade Interna: [Tunisian president extends state of emergency until end of 2022](#). **Reuters**, 19 fev. 2022. Acesso em: 21 fev. 2022.